

Programa *Fala Que Eu Te Escuto*: Na tela, o duelo entre Deus e o diabo¹

Fala Que Eu Te Escuto Program: The duel between God and devil on the screen

Dora Deise Stephan Moreira²

ddsstephan@gmail.com

Resumo:

O trabalho versa sobre o programa *Fala Que Eu Te Escuto*, produzido pela Igreja Universal do Reino de Deus. Exibido desde a década de 1990, sofreu várias reformulações ao longo dos tempos, com vistas a adequar-se ao cenário comunicativo. Transmitido pela Rede Record, pertencente ao Bispo Edir Macedo, o programa prioriza matérias jornalísticas “profanas” extraídas dos telejornais da emissora, porém editadas conforme os preceitos iurdianos. Utilizamos como metodologia a Análise de Conteúdo, sendo uma de nossas categorias *Demonização do cotidiano*, a partir de Brenda Carranza (2011). Nosso *corpus* constituiu-se de cinco programas, exibidos entre março e abril de 2012. Demonstraremos, por meio de exemplificações, a forte presença desta categoria como recurso discursivo.

Palavras-chave: Programa *Fala Que Eu Te Escuto*; Igreja Universal do Reino de Deus; Tele-evangelismo; *Demonização do cotidiano*.

Abstract

The paper is about the program “*Fala Que Eu Te Escuto*, produced by the God’s Kingsdon Universal Church. Presented since 1990’s, has suffered several modifications up to now, to adapt the communicative scenery. This program is transmitted by Record TV Network, wich is owned by Bishop Edir Macedo and prioritize “profane” newspaper news presented by this TV Network News, has produced according by Universal precepts. The content analysis methodology was used and the daily demonization category is proposed by Brenda Carranza (2011). Our “corpus”consisting five programs presented between march and april 2012. It will be demonstrated through several exemplifications the strong presence of this category as discursive resource in these programs.

¹ Texto referente a uma comunicação apresentada na 3ª Semana de Ciência da Religião da UFJF realizada entre os dias 6 e 9 de outubro de 2014.

² Graduada em Ciências Sociais e Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Especialista em Comunicação Empresarial pelo PPGCOM/FACOM- UFJF e Mestre em Comunicação pelo PPGCOM/FACOM-UFJF. Doutoranda em Ciência da Religião pelo PPCIR/UFJF.

Keywords: Fala Que Eu Te Escuto Program; Universal do Reino de Deus Church; Televangelism; Daily Demonization.

INTRODUÇÃO

Bem no começo do atual século, quando as mudanças no cenário religioso brasileiro começaram a se cristalizar, Luiz Roberto Benedetti descreveu o fenômeno de forma metafórica: “a religião no mundo moderno é um imenso caleidoscópio de formas e cores, em contínua mutação, sem um centro de referência; ou, se existe, esse centro vem marcado pela provisoriedade e transitoriedade”. (Benedetti, 2001, p. 45)

Para além de uma metáfora, a descrição do filósofo brasileiro sintetiza bem o atual panorama religioso brasileiro, no qual essas “formas e cores” se multiplicam rapidamente a cada dia, com o surgimento de novas denominações religiosas. Como atesta o antropólogo Marcelo Aires Camurça:

O que anteriormente ocorria em cada religião, num espaçamento de dezena de anos, de séculos, para produzir interpretações alternativas sobre o transcendente, e esse fato gerar cismas, heresias, escolas diferentes – hoje, no mundo moderno, acontece com uma simultaneidade e com uma velocidade surpreendente, o que faz com que o mapa religioso se desenhe e se redesenhe, e sociedades e etnias que outrora eram influenciadas por uma tradição religiosa passem a ser influenciadas por várias outras. O crescimento do catolicismo nos Estados Unidos, uma nação historicamente protestante, e o avanço do pentecostalismo na América hispânica, tradicionalmente católica [...] são indicadores desse redesenhar constante do mapa das religiões”. (Camurça, 2014, p. 147 e 148).

Não restam dúvidas que um dos fatores que contribuíram para essas transformações galopantes foi o uso dos meios de comunicação, em grande medida a televisão. Num país onde este veículo encabeça o sistema integrado da mídia eletrônica, com 296 emissoras aos quais se vinculam 374 veículos (Carranza, 2011, p.181) e com cobertura geográfica de 98% do território nacional (Paiva; Sodré, 2004, p.130), as igrejas não podem prescindir dessa eficiente forma de mediação.

Não é sem razão que, com base nos dados do OBITEL- Observatório Ibero Americano da Ficção Televisiva -, os programas religiosos ocupam o quarto lugar no *ranking* televisivo em matéria de tempo, com 4965:38 horas registradas em 2011, ficando atrás somente dos gêneros informação, ficção e entretenimento, mas superando o gênero programas esportivos no “país do futebol”. (Lopes; Gómez, 2012).

Buscar entender como tem se dado o processo de conversão/manutenção ou até mesmo de reconversão de fiéis é o que nos move a fazer este estudo. Para tanto, a título de recorte, nos debruçaremos no programa *Fala Que Eu Te Escuto*, produzido pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e veiculado de madrugada (1:00 hora) pela TV Record, de propriedade do Bispo Edir Macedo, principal líder espiritual desta igreja.

O motivo da escolha deste programa se deve ao fato de ele estar há mais de duas décadas no ar. Portanto, podemos afirmar tratar-se de um programa que possui uma tradição, sobretudo considerando a efemeridade da maioria dos programas televisivos, inclusive os de caráter religioso. Além disso, tem uma formatação que possibilita uma amostra mais objetiva, já que é exibido em horário fixo e em tempo determinado, seguindo um *script*, diferentemente de boa parte dos programas tele-evangélicos, cujo formato são pastores falando ininterruptamente, o que dificulta o estabelecimento de parâmetros de acompanhamento e gravação.

Escolhemos para compor nosso *corpus* cinco programas, que cremos constituir uma amostragem representativa, uma vez que se trata de uma produção televisiva cuja estrutura produtiva é bastante homogênea, sofrendo mudanças de um dia para o outro apenas no que se refere aos temas abordados que, mesmo assim, são recorrentes, conforme pesquisa feita no site oficial da IURD. Como demonstraremos mais adiante, há uma predominância de temáticas relacionadas à violência, às drogas e à prostituição.

Na primeira parte deste trabalho abordaremos o contexto no qual está inserido o programa, discorrendo sobre as bases da doutrina da IURD e sobre o aparato comunicacional que lhe pertence, o que lhe confere uma situação privilegiada diante das demais igrejas de mesmo corte. Na segunda parte, nos deteremos na análise do programa, utilizando como instrumento metodológico a Análise de Conteúdo (AC), mais especificamente a análise categorial, tendo como foco a categoria *Demonização do Cotidiano*.

PRIMEIRA PARTE: A IURD E SUA PROEMINÊNCIA NO CAMPO RELIGIOSO

1.1 – Os pilares da Igreja Universal do Reino de Deus

A IURD é de corte neopentecostal, mas, mesmo pertencendo a esse movimento denominado terceira onda (Jacob, 2003), possui diferenças doutrinárias em relação a outras igrejas de mesmo viés. Grosso modo, a doutrina iurdiana se assenta em um tripé: exorcismo, cura e prosperidade. Diferentemente do pentecostalismo clássico, no qual há uma tendência maior a enfatizar a alma e os valores espirituais, na igreja de Edir Macedo há uma “exacerbação do corpo”, passível de receber “espíritos *bons*, como, por exemplo, o Espírito Santo, ou *maus*, tais como os demônios”. (Campos, 1999, p. 331-332).

Com base nesta ótica, o corpo tanto pode ser o *habitat* do Espírito Santo como do diabo. Para que o primeiro vigore, é necessário livrar-se do segundo através do exorcismo, considerado “uma porta de entrada para uma vida saudável”. (Campos, 1999, p.337). Portanto, o exorcismo, uma espécie de desintoxicação, é parte significativa do ritual litúrgico iurdiano. Essa prática é vista como uma forma de libertação, pois livra o fiel dos maus espíritos, associados pela Universal ao espiritismo e às religiões afro-brasileiras.

Embora não seja o ponto mais forte da IURD, a cura divina também faz parte de sua doutrina, ainda que em menor proporção do que das igrejas da segunda onda³ do movimento pentecostal (exemplos: Igreja do Evangelho Quadrangular e Igreja Pentecostal Deus é Amor), que exaltam esse dom, fazendo dele seu mote principal. Mesmo assim, a igreja do bispo Edir Macedo pratica a cura divina em seus templos, os quais funcionam como uma espécie de pronto-socorro espiritual “voltado para o alívio da opressão do mal, objetivado nas pessoas na forma de doenças e infortúnios”. No entanto, até para não ser acusada de curandeirismo, a IURD reconhece a necessidade da medicina em casos que fogem à sua alçada. Todavia, segundo Campos, para a IURD Deus é o “médico supremo” que se expressa no poder do Espírito Santo. (Campos, p.352).

A IURD prega a necessidade do sucesso financeiro de seus fiéis, baseando-se na Teologia da Prosperidade. Introduzida no Brasil no final dos anos 1970, pelo bispo

³ Este termo, bem como primeira onda e terceira onda, é uma classificação usada primeiramente por Paul Freston (1993) para classificar as fases do pentecostalismo. A primeira onda refere-se à ênfase na glossolalia – dom de línguas –, prática cültica comum a igrejas como Assembleia de Deus e Congregação Cristã do Brasil. A segunda onda enfatiza a cura divina e a terceira onda diz respeito à introdução do uso dos meios de comunicação para fins de evangelização, prática mais afeita ao movimento neopentecostal que eclodiu, sobretudo, a partir da década de 1970.

Robert Macalister, da Igreja Nova Vida, essa teologia exerceu forte influência sobre Edir Macedo, constitui hoje o mote central de sua doutrina.

Contraopondo-se ao catolicismo, que prega o paraíso pós-morte, para os pregadores da Teologia da Prosperidade a recompensa deve ser aqui e agora. Como assinala Patricia Birman:

A IURD tem elaborado uma representação religiosa de seus fiéis enquanto integrantes de uma nação que nasce em oposição ao *ethos* católico. Constrói uma imagem de religião associada à riqueza, à opulência, ao cosmopolitismo e à globalização. Busca negar a equação católica que vincula o pertencimento religioso à pobreza e à tradicionalidade [...] (Birman, 2003, p. 242).

A Teologia da Prosperidade “é um conjunto de crenças e afirmações que torna legítimo o fato de o crente buscar resultados, ter fortuna favorável, enriquecer, obter o favorecimento divino para sua vida material ou simplesmente progredir”. (Birman, 2003, p. 363). Segundo seu criador, o americano Kenneth Hagin, o fiel não deve se conformar com a pobreza e a miséria, posto que:

Nós, como cristãos, não precisamos sofrer reveses financeiros, não precisamos ser cativos da pobreza ou da enfermidade! Deus proverá a cura e a prosperidade para seus filhos se eles obedecerem a seus mandamentos. Deus quer que seus filhos tenham o melhor de tudo (...). Ele (Deus) nos deu, individualmente um cheque assinado, dizendo: “Preencha-o”. Deu-nos um cheque assinável, cobrável aos recursos do céu. (Hagin apud Bitun, 2009, p.68).

Esse cheque “dado” por Deus também pode ser para pagar o dízimo cobrado pela igreja, já que a Teologia da Prosperidade tenta desmitificar o caráter pecaminoso do dinheiro, estimulando as doações. Tanto é assim que no item número 11 da seção “Em que Cremos” do portal da IURD, onde estão relacionados os pontos principais da doutrina da igreja, consta que:

Os dízimos e as ofertas são tão sagrados e tão santos quanto a Palavra de Deus. Os dízimos significam fidelidade, e as ofertas, o amor do servo para com o Senhor. Não se pode dissociar os dízimos e as ofertas, o amor do servo para com o Senhor Jesus, uma vez que eles significam, na verdade, o sangue daqueles que foram salvos em favor daqueles que precisam ser salvos.

Por meio da arrecadação de dízimo e de ofertas, suas principais fontes de renda, a IURD vem construindo um patrimônio considerável que inclui, dentre outros

negócios, empresas no ramo de comunicação, que lhe asseguram uma visibilidade capaz de fazer frente a outras igrejas neopentecostais com as quais compete.

1.2 - A fortaleza midiática da IURD

Até a década de 1970, portanto há pouco mais do que quarenta anos, o cenário religioso brasileiro era pouco diversificado. Havia uma predominância da Igreja Católica que, nos termos de Stuart Hall (2011, p.21), possuía o peso de uma “identidade mestra”.

De acordo com César Romero Jacob (2003), até então os católicos representavam 91,8% da população, enquanto que os evangélicos (o censo ainda não detectava evangélicos pentecostais) somavam apenas 5,2%. Na década seguinte, o quadro pouco mudou, pois houve um decréscimo de apenas 2,8% em relação ao número de católicos e um aumento de 1,4% do total de evangélicos. A única diferença ocorrida nesse intervalo é que os evangélicos pentecostais já puderam ser contabilizados.

Já de 1980 até 1991, ano em que excepcionalmente foi realizado o outro censo, houve uma diminuição do número de católicos da ordem de 6%, ao passo que os evangélicos passaram a totalizar 9%. Na década posterior, o número de católicos encolheu em 10% e os evangélicos atingiram a marca dos 15% da população. Entre 2003 e 2009, houve uma queda de 6% do número de católicos e um aumento praticamente da mesma ordem do número de evangélicos que passaram a representar 22% da população.

A IURD, fundada em 1977 pelo Bispo Edir Macedo, certamente contribuiu para esse crescimento, pois é considerada uma das maiores igrejas neopentecostais do país. Para galgar esta posição, desde o início adotou um *modus operandi* peculiar.

Quando pela primeira vez o maior estádio de futebol do mundo, situado no Rio de Janeiro, o Maracanã, orgulho de seus habitantes, foi ocupado por uma manifestação religiosa “não católica”, nos idos da década de 80, estava dado o sinal de que algo importante acontecia na prática religiosa habitual da cidade [...] A vocação para o espetáculo, presente nas concepções religiosas, sociais e políticas do Pentecostalismo no Brasil, afirmou-se, de início, pela preferência nunca desmentida em fazer de antigos cinemas, teatros e casas de shows espaços religiosos e ganhou mais alcance quando a conexão entre o palco, o púlpito e o espaço público se transformou definitivamente no seu modelo de atuação. (Birman, 2003, p.235).

A IURD inaugurou uma nova maneira de evangelizar. Além dos megaeventos que ainda fazem parte de sua estratégia de evangelização, construiu, ao longo de sua

existência, uma verdadeira *holding*, composta por empresas de mídias impressas, televisivas, radiofônicas e digitais.

Com base em levantamentos feitos pela pesquisadora Cláudia Modesto (2012, p.1), a IURD possui vinte e três emissoras de TV coligadas ou afiliadas à Rede Record. A utilização dos meios eletrônicos para difusão de sua doutrina começou pelo rádio, veículo que a Universal nunca deixou de lado. Tanto é assim que atualmente possui a Rede Aleluia com setenta e uma emissoras de rádio (AM e FM), cuja área de abrangência cobre setenta e cinco por cento do território nacional. Como assinala Jéssus Martin Barbero (1995, apud Cunha, 2013, p.209), as igrejas fazem da TV e do rádio uma mediação fundamental.

Também fazem parte da fortaleza midiática de Edir Macedo o jornal mineiro *Hoje em Dia*, a *Editora Gráfica Universal*, responsável pela edição das revistas *Obreiro da Fé* e *Plenitude*, respectivamente com tiragens de 300 mil exemplares e 322.865 exemplares, além do jornal *Folha Universal*, cuja tiragem semanal é de 1,5 milhões de exemplares. O aparato comunicacional do líder religioso abrange, ainda, a *Line Records*, maior gravadora gospel do país, e a produtora de vídeos *Frame*.

Em total sintonia com a era da informação, a IURD possui portais na Internet, sendo o *site* oficial a *Arca Universal*, criado em 2001, além do “*R7.com*” e a *TV IURD*, um canal via Internet que tem como objetivo transmitir testemunhos de fé e esclarecer dúvidas de fiéis. As mídias utilizadas pela igreja se interligam umas às outras, como é o caso da Rede Aleluia, que também transmite seus programas na IURD TV. Para além de ser uma estratégia de conversão/manutenção de fiéis, as tecnologias que a Universal utiliza podem manter seu rebanho conectado com seu ideário as vinte e quatro horas do dia.

É preciso salientar que “não é a tecnologia que possibilita a veiculação de programas religiosos, mas sim a *adoção de uma cultura midiática* por parte das igrejas e de grupos religiosos refletida tanto na sua presença na programação da mídia quanto na via cotidiana”. (Cunha, 2013, p. 207). [o grifo é nosso].

1.3- Templo de Salomão: espaço para megaeventos

A IURD inaugurou em 31 de julho de 2014 o Templo de Salomão, com capacidade para dez mil pessoas. O megatemplo, instalado numa das principais

avenidas do bairro do Brás em São Paulo, a Celso Garcia, conforme o site oficial da Igreja, ocupa uma área construída de 100 mil metros quadrados, dividido em dois blocos, e possui uma altura de 55 metros. Tem capacidade para 10 mil pessoas sentadas. Objetivando a formação de novos fiéis, abriga escolas bíblicas com capacidade para 1,3 mil crianças e um memorial de 250 metros quadrados, instalado no subsolo do prédio.

O novo espaço apresenta, dentre outras sofisticações, sistema de geração de energia própria e elevadores adaptados para portadores de necessidades especiais. Não há informações no site sobre o custo da obra, mas de acordo com a revista *Isto é* (Edição 2330, 6/8/2014) teria custado R\$6,5 milhões e demorado quatro anos para ser construído.

O Templo de Salomão - considerado hoje o maior espaço religioso existente no Brasil superando o Santuário de Aparecida do Norte - propiciará a realização de megaeventos, os quais, segundo Carranza (2011, p. 77) “transformam a experiência religiosa em uma experiência de entretenimento, o que justifica a grande adesão [...] e geram projeção e identificação, comunicabilidade, competência comunicativa e evocação identitária”.

O uso sistemático dos meios de comunicação e a realização de megaeventos conferem à IURD uma grande visibilidade, com certeza sem precedentes no campo religioso brasileiro. Mais do que qualquer outra igreja, percebe que “o produto simbólico ofertado pelas instituições religiosas precisa aparecer para ser conhecido. Mais do que isso, precisa provar que é melhor. O único caminho para isso no mundo atual é a mídia”. (Martino, 2005, p.105).

1.4 - Foco na televisão

Desde a fundação de seu primeiro templo na cidade do Rio de Janeiro, Edir Macedo vislumbrou a força da mídia, investindo inicialmente em programas religiosos no *dial* radiofônico e, num segundo momento, na televisão. Hoje, aposta fortemente na convergência midiática, mas a televisão continua sendo uma importante – e poderosa – estratégia de difusão da doutrina, por tratar-se de um veículo que é “o principal centro gerador de símbolos da cultura ocidental” (Campos, 1999, p.287).

Ainda que a televisão possa vir a ser suplantada futuramente pelas redes sociais, até nos dias atuais seu poder é incontestável. Ciente dessa força, já em 1989 o líder espiritual da IURD, não satisfeito em veicular sua doutrina em veículos de outrem, adquiriu a sua própria rede: a Record. Inicialmente, a emissora do bispo destinava uma parte maior de sua programação a programas religiosos, como o *Despertar da Fé*.

Além de levar ao ar programas da própria igreja, também exibia produções de outras denominações religiosas mediante cobrança de aluguel. Um exemplo era o do programa de Silas Malafaia, da Assembleia de Deus. Porém, segundo Campos (1999, p.289), gradativamente o valor cobrado pelo espaço televisivo foi sendo majorado, justamente para inviabilizar o uso de seu veículo pelas igrejas concorrentes.

O enorme poder que a televisão confere a Edir Macedo vem sendo usado tanto para minar a concorrência quanto para detratar seus rivais, a exemplo do que tem feito com o Bispo Valdemiro Santiago, líder da Igreja Mundial do Poder de Deus, uma dissidência da Universal. De tempos em tempos, seu discípulo se torna alvo de denúncias em programas produzidos pela Record. Embora procure ser um canal de televisão cada vez mais secular, diminuindo o número de programas tele-evangélicos e banindo os rituais de exorcismo antes presentes, sua programação nunca deixará de ser voltada para a “aquisição de dividendos religiosos”. (Campos,1999, p.287).

Atualmente, a maior parte da programação da Record é de telejornais, telenovelas e outros programas de entretenimento, cujas produções são realizadas nos mesmos moldes das outras tevês, até porque a emissora, como parte de seu *marketing*, tenta desvincular sua imagem da IURD. Mesmo assim, nunca abandonou totalmente sua tendência inicial, mantendo em sua grade de programação programas tele-evangélicos.

1.5 - Fala Que Eu Te Escuto: adequações ao cenário comunicativo

O principal programa de cunho religioso exibido atualmente é o *Fala Que Eu Te Escuto*, que começou a ser veiculado em meados da década de 1990. Inicialmente, apresentava somente temas religiosos e se limitava ao tripé exorcismo, cura e prosperidade. Porém, de acordo com Karla Patriota, o programa foi sofrendo reformulações ao longo de sua existência, de forma a estar sempre em sintonia com o cenário comunicativo.

Gradativamente foi sendo transmutado e começou a enfatizar fatos e acontecimentos provenientes dos noticiários, com uma peculiar preferência por temas polêmicos, como violência, prostituição, drogas, entre outros, sob a alegação da Igreja Universal do Reino de Deus de que estes temas são de interesse mais geral. (Patriota, 2009, p.2).

Outro aspecto salientado pela autora com relação ao programa é que ele passou a ser mais interativo, em adequação aos novos tempos:

A IURD também percebeu que a força da comunicação deve ser estruturada em cima do próprio fluxo de transmissão das mensagens e informações e que tal fluxo pressupõe o “receber e gerar” mensagens e informações, principalmente nos dias de hoje, em que estamos mergulhados na era da convergência tecnológica, do conteúdo colaborativo e da interatividade. (Patriota, 2009, p.2).

Para a autora, “essa forma de comunicação, através de um sistema de mão dupla, desperta no receptor um ser mais participativo que é estimulado a reagir às informações, seja fazendo um comentário, uma sugestão ou uma crítica”. Sua dinâmica faz dele um programa “cujo viés religioso se ajusta ao novo cenário comunicativo”. (Patriota, 2009, p.3). Como complementa Carranza (2011, p.166), é por meio dessas interações sociais que “a produção de sentidos é tecida nos programas religiosos”.

Patriota salienta que o *Fala Que Eu Te Escuto* se utiliza de elementos de espetáculo e de teatralidade, coadunando com a expectativa dos telespectadores “que buscam na experiência religiosa o transe, o êxtase, o espetáculo e não a doutrina religiosa propriamente”. (Patriota, 2009, p.3).

Mesmo não tendo uma audiência⁴ expressiva, registrando uma média de três por cento do ibope com picos de até sete por cento, segundo levantamentos feitos no próprio site da IURD – ultrapassando a audiência do *Programa do Jô* da Rede Globo - o *Fala Que Eu Te Escuto* cumpre uma importante finalidade que é a de “assegurar visibilidade às igrejas, em meio à diversidade religiosa do país”. (Carranza, 2011, p.198). Dito de outra forma, o tele-evangelismo é um investimento indispensável do ponto de vista institucional, pois é uma maneira de marcar presença em um cenário religioso cada vez mais plural e competitivo.

Diferentemente de grande parte dos programas tele-evangélicos que dão ênfase ao discurso verbal em detrimento da imagem, o *Fala Que Eu Te Escuto* possui uma

⁴Tentamos obter junto à Rede Record de Minas Gerais a audiência oficial do programa *Fala Que Eu Te Escuto*, mas a solicitação nos foi negada.

produção mais rebuscada, em que o papel sedutor da imagem é bastante explorado. Num olhar pouco atento, apresenta-se ao telespectador como um programa secular, com todos os ingredientes típicos de um espetáculo televisivo.

SEGUNDA PARTE: A ANÁLISE DO PROGRAMA

2.1 - Demonização do cotidiano

De acordo com Brenda Carranza (2011, p.212), “no atual campo religioso brasileiro, o demônio é a etiologia de todos os males que a humanidade enfrenta e o responsável por todas as mazelas pessoais e sociais presentes e passadas”. E ele está por toda parte, podendo habitar tanto o exterior, ou seja, a sociedade, quanto o interior da pessoa.

O maligno, uma das muitas expressões utilizadas para se referir ao demônio, é um denominador comum do “catolicismo midiático” (ibidem) e do neopentecostalismo. As duas propostas religiosas aceitam a existência do diabo e de seus emissários e acreditam que o mal que deles emana está por toda parte. O que vai diferir nos programas tele-evangélicos é a forma de abordagem, podendo ser mais ou menos explícita.

Anteriormente, os programas da IURD lançavam mão de rituais de exorcismo e sessões de descarrego. Gradativamente, essas cenas foram deixando de fazer parte dos mesmos, tendo em vista a atingir um maior número de pessoas. Nas produções atuais, o demônio aparece de modo subliminar, através das reportagens que funcionam como um elemento neutro, ou mesmo das mensagens dos pastores nas quais ele é apenas mencionado. Recorrendo a uma expressão popular, poderíamos dizer que no programa *Fala Que Eu Te Escuto* “o capeta aparece na forma de gente”. Ou de instituições. Ou até mesmo das novas tecnologias.

O programa “Trabalho da Polícia” (12/03) inicia com uma reportagem cuja primeira parte aborda a prisão de um pedófilo, certamente um dos tantos emissários do diabo. O *off* do repórter explica como ele agia: “José Álvaro exigia que as meninas fizessem sexo em troca de dinheiro”. Mas conforme a reportagem, graças ao trabalho de rastreamento da polícia, ele foi localizado: “A investigação incluiu a gravação de conversas telefônicas autorizadas pela justiça. José Álvaro negou os crimes, mas a

equipe do delegado Zacarias já havia juntado provas suficientes para prendê-lo” (Trabalho da Polícia, 2012). Pelo menos desse demônio foi possível se livrar por uns tempos.

No programa “Golpistas 171” (20/03) outros demônios surgem encarnados na figura de criminosos que aplicam vários tipos de golpes. A vinheta de abertura traz, em letras garrafais, a palavra: Armadilhas. Nos termos de Zygmunt Bauman (2005, p.75), poderíamos dizer que as pessoas estariam diante “do incontrolável cortejo dos perigos camaleônicos”.

Esses seres endemoninhados, onipresentes, podem estar espreitando clientes ingênuos que utilizam os serviços de atendimento vinte e quatro horas dos bancos para lhes aplicarem golpes, como aquele em que a vítima, após ser ludibriada, entrega seu cartão magnético e revela sua senha. A primeira reportagem desse programa, realizada na zona Leste de São Paulo, abordou especificamente esse tipo de golpe, muito comum nos dias atuais.

O diabo pode vir também na pele de prostitutas que, não satisfeitas em realizar seu trabalho, aplicam nos clientes o golpe do “Boa noite, Cinderela”, em que durante o encontro, após dopá-los, roubam-lhes praticamente todos os pertences, só lhes deixando com a roupa do corpo. A aplicação do golpe é mostrada com riqueza de detalhes na segunda reportagem desse programa, feita em uma praça central da cidade paulista de São José dos Campos.

Quem poderia imaginar que o maligno pode se travestir de empresário e lesar jovens num dos dias mais especiais de suas vidas: o da formatura? É o que mostra a reportagem sobre uma firma de eventos que descumpriu o contrato e deixou os formandos na mão justamente na hora do baile. A abertura da matéria resume tudo:

A noite era para ser inesquecível. Duzentos e cinquenta estudantes do Ensino Médio estavam prontos para o baile de formatura, mas encontraram o local da festa com as portas fechadas. A alegria deu lugar à frustração. A festa acabou em frente à delegacia, todos em trajes de gala, mas revoltados. (Golpistas 171, 2012)

O demônio ataca também através das falsas empresas de crédito pessoal, que oferecem o serviço, através dos classificados de um jornal, de forma vantajosa: juros baixos e prazo de pagamento facilitado. Mas, no ato da contratação do empréstimo, os representantes da empresa pedem aos clientes que, caso não possuam avalistas, que

desde já deixem uma quantia para avaliar o empréstimo, como mostra um trecho da reportagem: “Para cada dez mil, você paga oitocentos e cinco reais, o suporte, e eu já deposito esse cheque na sua conta livre para saque imediato. Daqui a trinta dias, você começa a pagar as prestações através do carnê em qualquer agência bancária” (Golpistas 171, 2012). Necessitada, a pessoa acabava se rendendo aos argumentos da falsa financeira, como explica a sonora com um delegado da polícia civil: “Primeiro, eles pediam um avalista com dois imóveis, depois pediam outro para dificultar. Como as vítimas tinham dificuldade em conseguir, eles propunham o pagamento de um ‘seguro fiança’ para elas”. (Golpistas 171, 2012)

Se anteriormente o veículo televisão era demonizado pelas denominações religiosas, hoje essa demonização recai sobre as novas tecnologias, um perigo a mais para a sociedade. A última reportagem do programa começa assim, no *off* do repórter: “No carro, no telefone, na Internet, sem perceber, as pessoas podem estar sendo vítimas de um golpe” (Golpistas 171, 2012). De forma confusa, numa edição que nitidamente reaproveita matérias antigas, são mostrados alguns tipos de golpes, como aquele aplicado através do celular, em que o criminoso simula o sequestro de algum parente de quem atende o telefonema, pedindo, em troca da libertação da vítima, pagamento em dinheiro ou na forma de crédito para um número de celular indicado por ele.

Todas as matérias apresentadas durante o programa “Golpistas 171”, num olhar mais superficial, parecem se enquadrar nos critérios de *noticiabilidade*⁵ que pautam a maioria dos telejornais, nos quais os alertas sobre golpes são recorrentes. Mas há especificidades:

A pauta da mídia religiosa engloba tanto temas gerais de interesse que devem ser filtrados pela ótica institucional, quanto temas da própria instituição. Isso gera formas específicas de definição do que é ou deixa de ser notícia, diferentes das formas existentes. (Martino, 2005, p 97).

Portanto, o critério de escolha do que é ou não notícia deve necessariamente coadunar com aquilo que a igreja crê e quer que o telespectador/fiel também creia. Numa análise mais aprofundada, percebe-se que por trás da informação, do modo

⁵ O que deve ou não ser notícia? Ao tomar essa decisão, cada meio de comunicação particularmente, sobretudo em conformidade com sua linha editorial, leva em conta um conjunto de critérios de relevância, os quais definem a *noticiabilidade* (*newsworthiness*) de cada evento, isto é, a sua “aptidão” para ser transformada em notícia. (WOLF, 2012, p.195).

espetacularizado como esses golpes são apresentados pelo programa, o discurso iurdiano perpassado corrobora não só para que se creia no diabo, como também para a sensação de que ele é ubíquo.

O mal a que se refere o programa *Fala Que Eu Te Escuto* tanto pode ser exterior quanto interior, como já mencionamos. É o que buscou evidenciar o programa “Artistas Esquecidos” (28/03), cuja tônica são artistas, especialmente músicos, que não souberam lidar com o sucesso, com a fama e colocaram tudo a perder por estarem possuídos, já que vícios e doenças, na concepção da IURD, são formas de possessão demoníaca.

O programa destaca a trajetória do músico Renato Rocha, ex-integrante da Banda Legião Urbana – liderada por Renato Russo – que dos palcos foi descendo até chegar às ruas do centro do Rio de Janeiro, onde vive como um mendigo. Como bem ilustra um trecho da matéria: “Do estrelato a uma vida anônima nas ruas...”. O demônio sempre rondou esse grupo musical, sucesso nas décadas de 1980 e 90, manifestando-se, através dos vícios (principalmente bebidas e drogas) e de uma vida desregrada.

Conforme Leonildo Campos, na teologia iurdiana, há um nexos causal entre possessão e doença. A reportagem faz questão de lembrar, no *off* da repórter, que o *pop star* Renato Russo “morreu aos 33 anos em decorrência da Aids, em 1996”. Não satisfeito, o demônio voltou-se também para o xará Renato Rocha que, durante a entrevista concedida à jornalista, embora tenha negado ser um dependente, admitiu ter feito uso de algum tipo de droga: “Às vezes eu tomava um calmante, porque muita gente, aí eu ficava nervoso e tomava um calmante” (Artistas Esquecidos, 2012). No entanto, a dificuldade em articular essa e outras respostas, bem como a aparência física do contrabaixista que ajudou a emplacar sucessos como “Que país é este” e “Eduardo e Mônica”, revelam a debilidade do músico em decorrência do uso de drogas. Entrevistado pela reportagem na capital federal, onde reside, o pai do músico, Seu Sebastião, não titubeou quando indagado sobre o motivo da degradação do filho: “Foram as drogas, sem dúvidas, a mãe dele sempre tratou ele com muito carinho, todos os irmãos e eu também. Ele nunca recebeu de nós repúdio. Mesmo com o problema de drogas, a gente sempre procurou aconselhá-lo, entendeu...” (Artistas Esquecidos, 2012). Mas o diabo parece ter soprado mais alto em seu ouvido.

O maligno costuma destruir lares fazendo com que homens e mulheres caiam em tentação. No entanto, na opinião do bispo Edir Macedo: “Entre o sexo masculino e

feminino, o feminino é mais maleável e suscetível de dar crédito ao diabo que o sexo masculino”. A declaração, extraída de um *house organ* da IURD, o *Folha Universal*, é citada por Campos (1999, p.444), ao analisar o papel da mulher na Igreja Universal. Em consonância com o pensamento do líder espiritual da IURD, no programa “As Infieis” (05/04), o foco principal foi justamente a infidelidade feminina. Nele, o maligno também mostrou sua força ubíqua, podendo estar nos bares, nos forrós e até na Internet, disfarçado em sites de relacionamento, atendendo pelo nome de Ohhtel. Segundo a reportagem, esse é um *site* de relacionamento americano muito acessado no Brasil e voltado para pessoas que querem ter relacionamentos extraconjugais. O *off* do repórter afirma, sem citar a fonte e o período, que “Setenta mil pessoas se inscreveram no site, o que é considerado um número recorde”. (As Infieis, 2012)

Na mesma matéria, o repórter relata que “No Brasil, em sete dias, sessenta e três mil pessoas se cadastraram, número considerado alto se comparado a países como Estados Unidos, China e Argentina” (As Infieis, 2012). Para ilustrar, a reportagem ouviu uma mulher que admite marcar encontros pela Internet, explicando que “alguns encontros virtuais se transformam em casos, como o que eu já tenho há três anos.” (As Infieis, 2012).

Em outra reportagem sobre o mesmo tema, entrevista-se a proprietária de uma *lan house*, a qual mostra a face demoníaca da Internet contanto que seus clientes “se comunicam pela *webcam* com mulheres que se exibem em frente à câmera tirando a roupa e, o que é pior, eles chamam os outros rapazes que estão lá para ver, inclusive eu.” (As Infieis, 2012). A mesma visão é compartilhada por outro entrevistado, um psicólogo que argumenta que o anonimato e a rapidez da Internet propiciam e estimulam a traição. “O envolvimento começa no plano virtual e pode se desenvolver no plano real.” (As Infieis, 2012).

Essa mesma reportagem apresenta o depoimento de um homem que diz ter caído na tentação do diabo virtual, ao se envolver com uma mulher casada que conheceu pela Internet. A chamada da matéria dizia: “Homem descobriu que a nova namorada que encontrou na Internet era casada e tinha filhos” (As Infieis, 2012). Na entrevista concedida ao repórter, ele declarou: “Quando a pessoa procura a Internet é que ela já não está mais satisfeita com alguma coisa na relação dela” (As Infieis, 2012). Ou seja,

na visão dele, o próprio fato de usar a Internet já é um indício de que a pessoa estaria disposta a trair.

Outro local demoníaco apontado pelo programa foram as casas de forró. A última reportagem, realizada na Feira de São Cristóvão no Rio de Janeiro, teve como fundo musical o refrão “Quem é o gostosão daqui sou eu, sou eu” (Cris Cabana). O texto do repórter diz: “O chamego do forró pode ser a desculpa para o começo de uma traição” (As Infieis, 2012). A imagem que se segue mostra um casal dançando bem agarrado, mas sugere tratar-se de um homem comprometido. “O gostosão”, no caso. Na ótica desse programa da IURD, a traição masculina é mais desculpável que a feminina, como atesta a fala de uma terapeuta sexual entrevistada: “O homem trai sem uma razão específica. A traição masculina pode ser uma resposta do hormônio” (As Infieis, 2012).

O demônio nunca esteve tão solto quanto no programa “Baladas Noturnas” (13/04) tratadas pela produção como se fossem o próprio inferno. Os textos, as imagens e as músicas apresentadas, bem como outros recursos sonoros e visuais utilizados nas matérias, corroboraram para causar nos telespectadores essa impressão. As principais manifestações demoníacas mostradas pelo programa foram a promiscuidade sexual, o exibicionismo, o uso de bebidas alcoólicas e de outras drogas e os bailes *funks* – considerados não só pela IURD, mas por várias denominações religiosas evangélicas, verdadeiras moradas do diabo.

Um dos trechos da primeira matéria, gravada em uma danceteria diz assim: “Azaração, beijo na boca, curtição, essas e outras imagens revelam o que na opinião da galera é uma balada boa demais” (Baladas Noturnas, 2012). Em seguida, entra uma sonora com um “baladeiro da noite” – termo usado pela repórter - que pergunta: “O que você procura num sábado à noite?”. O rapaz responde em tom irônico: “Diversão, mulher”. (Baladas Noturnas, 2012).

A reportagem prossegue nessa linha no *off* da repórter: “Enquanto alguns buscam apenas entretenimento ou uma namorada, outros querem muito mais. E para isso um combustível parece ser indispensável” (Baladas Noturnas, 2012). As imagens utilizadas pela edição mostram jovens dançando e, ao mesmo tempo, consumindo bebidas alcoólicas no gargalo. A jornalista entrevista alguns jovens. Um deles, com uma garrafa na mão, vai logo dizendo: “Pior que é neste ritmo que eu vou até o final” (Baladas Noturnas, 2012). O outro ironiza: “Toma um golinho pra você ficar que nem

nós” (Baladas Noturnas, 2012)., oferecendo a bebida à profissional. Um terceiro rapaz levanta o copo para a câmera e explica em voz alta: “Aqui é bombeirinho, que é pra chegar lá dentro já no grau” (Baladas Noturnas, 2012). Para completar, entra sonora com duas jovens que praticamente gritam com os copos nas mãos: “Isso aqui é o meu café da manhã...” (Baladas Noturnas, 2012).

Mais à frente, a repórter volta a mostrar, em seu texto, que as baladas não acontecem sem bebidas alcoólicas: “Mas afinal, essa alegria depende mais do ambiente, dos frequentadores ou é a bebida que faz a noite ficar boa. Ou, quem sabe, é a noitada boa que faz a pessoa beber? Quem é baladeiro tem a resposta na ponta da língua” (Baladas Noturnas, 2012). A resposta vem na forma de um sobe-som com um trecho do *hit* “Balada Boa”: “[...]Dançar, pular, que hoje vai rolar/Tchêchererêchêchê/Tchêchererêchêchê/Gustavo Lima e você [...]” (Baladas Noturnas, 2012).

A próxima reportagem inicia com um sobe-som do refrão da música “Zuar e Beber” (Marquinhos Maraial e Luizinho Lino) interpretada pelo cantor Leonardo, cuja imagem aparece na matéria. O *off* da repórter sugere que a música faz apologia à bebida: “Muitas vezes a bebida alcoólica vira refrão de música e conquista multidões. O mais novo sucesso das rádios deixa claro. Uma boa balada tem que ter uma boa bebida” (Baladas Noturnas, 2012). Completando a frase, entram imagens de pessoas dançando e se embebedando ao som de outro *hit* do momento: “É tenso” (Fernando e Sorocaba): “É meu defeito/eu bebo mesmo/beijo mesmo, pego mesmo/e no outro dia nem me lembro/É tenso...”.

Numa terceira reportagem sobre as baladas, o repórter faz a seguinte abertura: “A gente logo percebe que eles não vieram aqui só para dançar.” (Baladas Noturnas, 2012). As imagens editadas na sequência mostram um rapaz beijando na boca de várias moças. O jornalista deixa a imparcialidade de lado e comenta *in loco*: “Meu Deus, o que é isso? Estou chocado!” (Baladas Noturnas, 2012). Para finalizar a matéria, é utilizada uma entrevista com uma senhora (não identificada) em um consultório que faz o seguinte comentário: “Nunca a política do corpo foi tão grande quanto agora, e a balada é um grande teste de aprovação” (Baladas Noturnas, 2012).

Para a maioria das igrejas evangélicas, os bailes *funks* representam a própria morada do diabo, pois neles tudo é permitido. Essa permissividade é combatida por elas

através dos meios de comunicação de que dispõem. O programa “Baladas Noturnas” dedica uma parte expressiva a esses locais infernais, como mostra a matéria a seguir:

Off do repórter: Aqui no Rio de Janeiro o *funk* é a principal diversão dos jovens [...]. Nos finais de semana, as pistas ficam lotadas. A garotada que embarca na viagem do *funk* sabe bem o que quer.

Sonora com uma frequentadora: Muita curtidão, muita dança, gatinhos...

Pergunta do repórter: Sem limites?

Sonora: Praticamente (risos).

Pergunta do repórter a um frequentador: Os homens vêm com intenção de dançar ou pegar as meninas?

Sonora: Pegar as meninas, é claro. (risos)

Off do repórter: No baile, a diversão é quase sempre regada a muita bebida e muitos beijos. Eles começam aqui e nem sabem onde vão parar.

Sonora com outro frequentador: a gente leva pro hotel, pra casa.

(Baladas Noturnas, 2012).

Tão demoníacos quanto os bailes que acontecem em ambientes fechados são os que acontecem nas ruas, que, além de tudo, infernizam a vida dos moradores do entorno, como ilustra a reportagem apresentada pelo programa no bairro Itaim Paulista, na zona leste de São Paulo:

Off do repórter: Aqui nesta região os moradores não têm sossego. Na praça, centenas de jovens se reúnem para o baile *funk* a céu aberto. O barulho é ensurdecedor.

Sobe-som de uma música *funk* e de uma motocicleta acelerando.

Off do repórter: As garotas se exibem ao som do *funk* e bebem também com este ritmo (entra imagens garotas dançando de shorts e minibusas, com copos na mão). Enquanto isso, o garotos aceleram as motos para, digamos, retribuirmos a exibição das meninas.

Sobe-som de várias motos acelerando ao mesmo tempo.

Off do repórter: A bagunça é generalizada. E repare aqui neste grupo de jovens: esse rapaz prepara um cigarro de maconha. (entra imagem em *close* de um jovem preparando a droga). Ou seja, som, bebidas e drogas. O caos dura a noite inteira.

(Baladas Noturnas, 2012).

Depreendemos que todas essas reportagens editadas pelo programa *Fala Que Eu Te Escuto*, ao demonizarem o cotidiano ao extremo, remete os telespectadores a um estado de desorientação descrito por Anthony Giddens (1991, p.12), decorrente “da sensação que muitos de nós temos vivenciado num universo de eventos que não compreendemos plenamente, e que parecem, em grande parte estar fora de nosso controle”. Dito de outra forma, o conteúdo desta produção da Igreja Universal provoca

na assistência um sentimento de desalento, de impotência diante dos fatos, sobe o qual discorreremos mais adiante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até a década de 1980, quando mais de 91% dos brasileiros se declaravam católicos conforme o censo, o Brasil vivia sob a égide de uma unicidade religiosa. O Deus brasileiro oficial era católico, apostólico romano, ainda que coexistissem nos bastidores da religião extraoficial entidades da Umbanda, do Candomblé e algumas tímidas manifestações pentecostais. Assim sendo, o catolicismo estava amalgamado na identidade religiosa nacional. Sua força se refletia em praticamente todos os campos da vida social, como na arquitetura das cidades, onde sempre existia pelo menos um templo católico em local privilegiado, e no comportamento das pessoas, que pautavam suas condutas pelos dogmas católicos. Até a escolha da educação formal dos filhos passava pelo crivo religioso, pois eram colocados em escolas confessionais.

A confortável situação em que se encontrava o catolicismo permitia pensar que o país manteria para sempre o monopólio religioso e que o título de maior nação católica do mundo pertenceria ao Brasil eternamente. Era de se supor que a identidade religiosa, marcadamente católica, não sofreria fissuras, o que veio a ser desmistificado estatisticamente pelo censo religioso, a cada década, e visivelmente pelas suntuosas igrejas, atualmente com seus bancos vazios.

No epicentro dessa reviravolta havia algo bastante portentoso: os meios de comunicação. Ainda que a mídia não tenha liquidado totalmente outras formas de proselitismo religioso, indubitavelmente, de forma gradativa, passou a ocupar lugar de destaque no campo de batalha pela conversão religiosa.

A utilização dos meios de comunicação como forma de propagar as novas religiosidades constituiu, inquestionavelmente, um divisor de águas na formação identitária religiosa brasileira. As igrejas que melhor souberam utilizar o sistema midiático passaram a se destacar no cenário religioso, conquistando através dele identidades descontentes com o descompasso do discurso católico em relação às novas demandas espirituais.

As igrejas neopentecostais não só captaram melhor essas demandas e adequaram sua linguagem, como também tiveram a sagacidade de atendê-las para além dos templos. De forma pioneira, levaram a religião para os espaços públicos, aportando-se definitivamente no espaço midiático. Num primeiro momento, fizeram ecoar suas mensagens pelo *dial* radiofônico e, mais tarde, pela televisão.

As denominações religiosas que se aperceberam da imprescindibilidade do veículo, certamente deram um passo adiante na conquista de novos adeptos levando ao pé da letra a mensagem bíblica “crescei e multiplicai-vos”. O caso mais emblemático que se tem no Brasil desse entendimento é o da IURD, que tão logo surgiu fez do tele-evangelismo um de seus principais aliados. Resultado: em meio ao intenso trânsito religioso que ocorre hoje no Brasil, ela ainda consegue manter-se sólida, estando entre as maiores denominações pentecostais do país.

Os programas tele-evangélicos, ainda que de formas diferentes, ressignificam as aflições humanas. O Fala Que Eu Te Escuto, através de suas reportagens que privilegiam temas profanos, explora sobejamente a demonização do cotidiano como recurso discursivo. No entanto, ao final do programa, seus pastores/âncoras sugerem aos telespectadores que venham conhecer a Universal, apresentando, por meio de imagens calorosas e de mensagens convidativas, templos acolhedores como alternativa a um mundo hostil. “Fora: tempestades, furacões, ventos congelantes, emboscadas na estrada e perigos por toda parte. Dentro: aconchego, cordialidade, *chez soi*, segurança e proteção” (BAUMAN, 2005, p.65).

Mesmo se utilizando de uma lógica paradoxal, o programa *Fala Que Eu Te Escuto* configura-se como um importante elo entre o potencial fiel e a instituição religiosa. Fazendo da sedução e da persuasão suas principais armas, busca converter “notívagos desavisados” (re)converter “ovelhas desgarradas”⁶ e fidelizar adeptos.

⁶ Os termos notívagos desavisados e ovelhas desgarradas foram utilizados pela antropóloga Karla Patriota, ao se referir aos telespectadores do programa Fala Que Eu Te Escuto, PATRIOTA, no artigo intitulado “Na era do entretenimento a doutrina é o espetáculo”, disponível em: <http://ensipecom.metodista.br/mediawick/images/d/dcECLESIOCOM>.

Diante de tudo que foi exposto, depreendemos que esta produção televisiva da IURD impacta as identidades religiosas em geral e corrobora para a consolidação de uma identidade evangélica.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade** – Entrevista a Benedito Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2005.

BENEDETTI, Luiz Roberto. **Pentecostalismo, Comunidades Eclesiais de Base e Renovação Carismática Católica**: uma análise comparada. Caderno CERIS. Ano 1. Nº 2. Rio de Janeiro, outubro de 2001.

BIRMAN, Patricia. *Imagens religiosas e projetos para o futuro*. In: _____. (org) **Religião e espaço público**. São Paulo. Attar Editorial, 2003.

BITUN, Ricardo. *Igreja Mundial do Poder de Deus: Rupturas e continuidades no movimento neopentecostal*. **Estudos de Religião**.v.23, nº36, 61-79, jan./jun.2009. Disponível em: <http://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/.../930>. Acesso em 19 de agosto de 2012.

CAMURÇA, Marcelo. **Espiritismo e Nova era**: Interpelações ao Cristianismo Histórico. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2014.

CARRANZA, Brenda. **Catolicismo Midiático**. São Paulo: Editora Idéias e Letras, 2011.

CUNHA, Magali do Nascimento. *Religiosidade midiática e novos paradigmas de cristianismo em tempos de culto e de cultura gospel*. In: DIAS, Zwinglio Mota; PORTELLA, Rodrigo e RODRIGUES, Elisa (Org.). **Protestantes, Evangélicos e (Neo) Pentecostais**: história, teologias, igrejas e perspectivas. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. 6.ed. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 5.ed. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2001.

JACOB, César Romero. **Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais do Brasil**. São Paulo: Editora Loyola, 2003.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de e GÓMEZ, Guillermo Orozco. **OBITEL 2012** – Qualidade na ficção televisiva e participação transmidiática das audiências. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2012.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia e Poder Simbólico**: um ensaio sobre comunicação e campo religioso. 2.ed. São Paulo: Editora Paulus, 2005.

MODESTO, Cláudia F. **34 anos de evangelismo eletrônico**. Observatório da Imprensa. Ano 18. Nº 694. 15/05/2012. Disponível em:
http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed694_34_de_evangelismo_eletronico.html. Acesso em 30 de maio de 2012.

PAIVA, Raquel e SODRÉ, Muniz. **Cidade dos artistas**: Cartografia da televisão e da fama no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2004.

PATRIOTA, Karla Regina Macena Pereira. **Fala Que Eu Te Escuto**: Na era do entretenimento a doutrina é o espetáculo. Disponível em:
<http://ensipecom.metodista.br/mediawick/imagens/d/dcECLESIOCOM>. Acesso em 12 de agosto de 2010.

REVISTA ISTO É. *A meca dos evangélicos*. São Paulo, nº 2332, p. 44-47, 6/8/2014.

Programas de TV:

ARTISTAS ESQUECIDOS. **Fala Que Eu Te Escuto**. São Paulo: Rede Record, 28 de março, 2012. Programa de TV.

BALADAS NOTURNAS. **Fala Que Eu Te Escuto**. São Paulo: Rede Record, 13 de abril, 2012. Programa de TV.

GOLPISTAS 171. **Fala Que Eu Te Escuto**. São Paulo: Rede Record, 20 de março, 2012. Programa de TV.

INFIEIS, AS. **Fala Que Eu Te Escuto**. Rio de Janeiro: Rede Record, 05 de abril, 2012. Programa de TV.

PÁSCOA DA RESSURREIÇÃO. **Direção Espiritual**. Cachoeira Paulista (SP): Rede Canção Nova, 04 de abril, 2012. Programa de TV

TRABALHO DE POLÍCIA. **Fala Que Eu Te Escuto**. Rio de Janeiro: Rede Record, 12 de março, 2012. Programa de TV.